

ENTREVISTA

Tolkien e a Literatura Celto-Germânica

Realizada por Luciana de Campos e Johnni Langer com
Profa. Dra. Lenita Maria Rimoli Esteves

Departamento de Linguística
Universidade de São Paulo
leries@uol.com.br

Principais livros traduzidos (em co-tradução de Almiro Pisetta):

O hobbit. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora, 1995.

O senhor dos anéis - A sociedade do anel. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora, 1994.

O senhor dos anéis - As duas torres. São Paulo: Livraria Martins Fontes.

O senhor dos anéis - O retorno do rei. São Paulo: Livraria Martins Fontes.

1. *Johnni Langer (JL): Professora, quais foram as principais razões que a levaram a traduzir a obra de J. Tolkien, bem como realizar estudos acadêmicos sobre este autor?*

Lenita Esteves (L.E.): Na verdade, nunca realizei pesquisa acadêmica sobre Tolkien. Minha pesquisa sempre girou em torno da tradução, em termos mais genéricos. O convite a traduzir os livros do Tolkien foi uma oportunidade muito legal e importante na minha vida. Eu aceitei porque tinha a expectativa de que seria um trabalho instigante e muito rico, como realmente foi.

2. *JL: Em nosso país, ainda existe certa relutância nos estudos acadêmicos da chamada literatura fantástica (incluindo os gêneros da ficção científica, terror e aventuras épicas – este último onde podemos enquadrar a obra de Tolkien), denominadas por muitos estudiosos como sub-gênero literário ou “obras menores”. Como você percebe essa perspectiva?*

L.E.: Acho que a relutância não é “privilégio” brasileiro. Em geral, o Brasil segue muito os modelos acadêmicos estrangeiros, e a verdade é que o Tolkien não é em geral considerado, no meio acadêmico, como um autor “primeira linha”. Isso porque o tipo de literatura que ele produz está, como você mesmo disse, no campo da fantasia, ou do

mito, e essa área não é considerada digna de estudos “sérios”. Alguns dizem que o tipo de literatura que ele produz é “escapista”, enfim, são várias as críticas.

Penso que a tendência é isso se alterar. Hoje em dia já são aceitas pesquisas acadêmicas que tratam de assuntos que eram considerados, no passado, “mundanos demais” para merecer a atenção da academia. Hoje em dia, é perfeitamente aceitável você fazer uma pesquisa sobre novelas, músicas bregas, ou qualquer outra produção de nossa cultura, justamente porque qualquer objeto de uma cultura merece (e deveria) ser estudado. Aliás, acho que faz mais sentido estudar o que é consumido pelas massas do que pesquisar um escritor que é lido por meia dúzia de cultos especialistas.

Enfim, há lugar pra todos, e pra todo tipo de pesquisa. Eu acho que o tema ou objeto de pesquisa não garante a qualidade dela. Portanto, uma pesquisa pode ser muito boa e frutífera, independentemente de seu tema ser glorificado pela academia ou não.

Acho que o Tolkien merece, como escritor, o respeito de todos. Em primeiro lugar, porque ele é um bom escritor, escreveu uma obra riquíssima e absolutamente consistente internamente. Em segundo lugar, porque ele tem um apelo popular muito grande; o fato de pessoas se interessarem por esse tipo de literatura já justifica um estudo aprofundado de obras nessa linha. Não se pode dar as costas para o fato de jovens que não liam nada começarem a ler, e a ler bastante, após entrarem em contato com a obra de Tolkien.

3. JL: Após a filmagem da trilogia O senhor dos anéis, o tema da mitologia e história germânica – particularmente da Escandinávia Medieval – foi popularizado amplamente. Sendo professor de anglo-saxão da Universidade de Oxford, Tolkien foi especialista no estudo de antigas narrativas literárias, especialmente Beowulf e as Sagas nórdicas. Como sua tradutora oficial no Brasil, de que maneira você concebe certos temas típicos dos antigos germânicos na obra do professor britânico e a sua repercussão nas novas gerações de leitores: a trajetória do herói; o desafio de enfrentar o perigo e o desconhecido; os valores morais e de lealdade; a crença no sobrenatural; conflitos e paixões; entre tantos outros.

L.E.: Em primeiro lugar, cuidado com o epíteto, não é bem assim. Eu traduzi o *Hobbit* o *O Senhor dos anéis*, mas há já outras obras do Tolkien circulando em tradução brasileira e eu não tenho nada a ver com elas.

Acho que os temas que você chama de “típicos dos antigos germânicos” podem ser, em certo sentido, considerados meio universais. Embora eu não tenha muito conhecimento sobre essa raiz germânica, arrisco dizer que qualquer povo tem uma mitologia e, em geral, essa mitologia é povoada de heróis, situações difíceis, conflitos internos, valores morais, etc. E esses temas estão sempre “em cartaz” nas literaturas de todos os países. A diferença em Tolkien é a dimensão épica, a coisa grandiosa, o heroísmo às vezes exacerbado. Nesse sentido, acho que o gosto por esse tipo de literatura tem altos e baixos, e ela se alterna com outros tipos ao longo das eras. Quero dizer que, se numa determinada época o que está mais em voga é uma literatura que trata de assuntos cotidianos, das vidinhas miseráveis de todos nós, nada impede que, dali a um tempo, haja uma outra onda de literatura mais ligada a histórias grandiosas e heróis míticos.

Além disso, acho que o ser humano precisa, de tempos em tempos, “reabastecer” o seu ser com essas grandes histórias. Por isso a mitologia grega faz sempre tanto sucesso entre os adolescentes, mesmo os de nosso tempo, tão ligados em tecnologias ultramodernas...

4. *Luciana de Campos (LC): O conto “De Beren e Luthien” que integra O Silmarillion nos mostra uma história de amor, paixão e morte. Esses elementos foram eternizados na literatura, música e artes em geral por Tristão e Isolda que, possui versões não somente francesas e alemãs da Idade Média, mas há também a versão escandinava, o que reforça a importância e popularidade dessa narrativa originalmente Celta (e do modelo literário do casal apaixonado). Sabemos que na sua lápide Tolkien pediu que escrevessem “Beren e Lúthien” já que foi sepultado junto de sua esposa. Podemos dizer que o conto é uma releitura de Tristão e Isolda e também um reflexo do casamento do escritor inglês?*

L.E.: É possível afirmar isso, sem correr o perigo de dizer uma coisa completamente absurda. Mas também acho difícil reivindicar a origem de um determinado tipo de narrativa para um povo específico. Nos tempos antigos, essas narrativas ultrapassavam gerações e fronteiras, em geral por meio de relatos orais.

Um conto moderno (o de Tolkien), sendo ele ambientado ou não em épocas passadas, será de certa maneira uma releitura de muitas outras narrativas que habitam a memória do autor e sua cultura. Também acho que não é exagero pensar que Tolkien pudesse se identificar com seus personagens, atribuindo a eles características suas e vice-versa (como no caso da lápide, em que ele os nomes dos personagens são escritos, e não os nomes reais)...

5. *LC: Nas narrativas arturianas do século XII há a presença de uma personagem que nos remete a figura dos antigos druidas Celtas, o mago Merlin. Gandalf, personagem da Trilogia pode ser comparado a Merlin no que diz respeito ao seu papel de guia e tutor do herói em seu objetivo final?*

L.E.: Me parece que sim, embora haja diferenças. É inegável a semelhança, principalmente se pensarmos que o Merlin, como circula (ou circulou) mais amplamente que o Gandalf, foi apropriado por muitas mídias, e tem até um desenho do Mickey vestido de Merlin. Aquela coisa da camisolona com estrelas e luas, aquilo me parece uma imagem clichê do próprio Merlin que aparece no ciclo arturiano. Ou seja, o Merlin ficou meio estereotipado, meio multimídia...

O Gandalf foi menos “imitado” e “reproduzido”, temos praticamente o livro e o filme com representações do Gandalf. Mas, no sentido de os dois serem seres diferentes dos humanos, com poderes mágicos, sábios que ajudam os humanos a conquistarem seus objetivos, acho que o paralelo se sustenta.

6. *LC: Nos anos 1960 e 1970 muitas pessoas liam a obra do escritor britânico como uma metáfora do mundo contemporâneo. Diversos hippies e adeptos do movimento da contra-cultura encontravam na trilogia elementos que fundamentavam seus ideais de vida e de mundo. Essa leitura da obra ainda é pertinente?*

L.E.: O interessante é observar que uma mesma obra possa suscitar interpretações opostas (por exemplo, essa de achar que o mundo de Tolkien é uma representação do mundo contemporâneo e a outra, de achar que ele é autor de uma obra escapista, que nada tem a ver com a realidade).

Na minha opinião, o mito sempre tem a ver com a realidade e o cotidiano, embora muitas vezes tenha essa roupagem diferente, às vezes arcaizante, e apresente

personagens com grandes arroubos de heroísmo. É possível fazer uma leitura, bem coerente por sinal, da obra de Tolkien como uma representação dos conflitos e embates humanos. Alguns podem gostar dessa leitura, outros podem discordar dela. Mas é óbvio que ela continua válida.

7. LC: É possível afirmar que Tolkien impingiu à sua obra elementos da sociedade e da época em que ele vivia, tais como comparar o poder de Sauron ao nazismo?

L.E.: Acho que a resposta está meio respondida mais acima. De que é possível afirmar, não há dúvidas. Que o Tolkien parece ter negado isso, parece também fato certo. Que os leitores possam fazer essa leitura apesar disso, também não há como negar.

E numa dimensão que leve em conta o inconsciente, podemos até supor que Tolkien não “quis” fazer isso conscientemente, mas acabou fazendo. Nesse plano, o próprio fato de ele insistir em negar a ligação entre o poder de Sauron e o nazismo serviria de indício para supor que talvez a ligação exista, mas ele não queria admitir.

O Tolkien teve experiências intimamente ligadas à guerra. O filho dele também. Pessoalmente, me parece praticamente impossível que uma pessoa viva uma época cruel como essa e passe impune a ela. Tolkien, com todo escritor, dava vazão a suas emoções e idéias em seus escritos, explícita ou implicitamente. Acho que todo livro concebido ou escrito numa época de guerra (ou entre guerras) tem alguma coisa a ver com a guerra.

8. JL: Em que pesquisa ou trabalho de tradução você atualmente está dedicando-se e quais seus planos futuros.

L.E.: Minha pesquisa está enveredando para a discussão de problemas éticos na tradução, um campo que ainda precisa de muita reflexão. Tenho também uma pesquisa em andamento sobre a tradução de literária e jornalística no século XIX.